

As Casas de Brasileiros: os movimentos migratórios e a construção de itinerários no Norte de Portugal

The *Houses of Brazilians*: the migratory movements and the construction of itineraries in the North of Portugal

Alda Neto

CEPESE

alda.neto@gmail.com

Palavras-chave: Emigração, conservação, arquitetura, turismo, valorização patrimonial, rotas.
Keywords: Emigration, preservation, architecture, tourism, Patrimonial appreciation, routes.

[...] Povo emigrante antes de o ser, por vontade ou à força, adaptável, discreto no meio dos outros, sempre pronto na aparência, a trocar a sua identidade pela dos outros, na realidade nunca abandonou o seu ponto de partida. [...] (Lourenço, 1999)

Contextualização do processo emigratório português

Cerca de 50 milhões de europeus emigraram entre 1850 e 1930 para o continente americano. No último quartel do século XIX saíram cerca de 20 milhões, número que corresponde a cerca de 40% do crescimento anual da população europeia desse período. Neste contexto, coube aos portugueses, espanhóis e italianos, a parcela maior dos emigrantes no último terço do século XIX.

No caso da emigração portuguesa para o Brasil, na segunda metade do século XIX, esta constituiu um fenómeno histórico e sociológico de grande complexidade. Esta transferência de amplos contingentes populacionais não representava perdas em termos de recursos humanos até porque a grande maioria dos emigrantes não tinha intenção de permanecer definitivamente no Brasil, pois o principal objetivo era alcançar uma fortuna, fortuna este que era impossível atingir no seu país de origem.

A escassez da terra e os fracos rendimentos económicos obtidos a partir desta geraram uma necessidade de sair e, ao mesmo tempo, a busca por um pedaço de terra conduziu à partida para outros destinos. Assim, a emigração oitocentista constitui um movimento de transferência de camponeses e trabalhadores rurais de um território para outro. A partir da segunda metade do século XIX, os portugueses que partiam para o Brasil não desempenharam, maioritariamente, tarefas na atividade agrícola, mas fixaram-se nas cidades dedicando-se às atividades comerciais.

O Brasil tornou-se, assim, no principal destino da emigração portuguesa, uma vez que era mais fácil a adaptação a um país de que se conhecia e falava a língua, em que se praticava a mesma religião e em que as duas culturas se reconheciam. Privilegiados pelo peso numérico, pela solidariedade dos já estabelecidos e pelas cadeias de apoio social e cultural por eles construídas, os portugueses sempre consideraram naturalmente o Brasil como uma pátria alternativa. A movimentação de milhares de portugueses desde meados do século XIX, para além de aspetos demográficos e económicos, envolveu componentes sociais e culturais de grande importância. O sonho da fortuna rápida, ou pelo menos de promoção social, esteve em Portugal durante a segunda metade do século XIX e o primeiro quartel do século XX associado predominantemente ao Brasil.

O Regresso

Apesar de permanecerem durante um longo período de tempo no Brasil, os emigrantes procuravam manter-se constantemente informados acerca da sua comunidade quer através de correspondência que trocavam com os seus familiares quer através dos jornais locais que lhes eram enviados.

Mas, afinal quem são estes emigrantes que regressam à sua terra natal?

O papel do remigrado do Brasil na constituição da sociedade portuguesa foi capital no norte do país. Personagem viva que assomava e ascendia sobre o decair rápido das classes predominantes do velho regime. Aburguezaram fortemente o meio e regaram de libras a cidade e o campo. Bairros inteiros edificaram no Porto, cidade sua predilecta. Eram seus o palacete urbano enfeitado com o braço da fidalguia fresca data que os ufanava e o casarão vermelho erguido no pomar da quinta bem granjeada. A igreja, a escola, o asilo, o hospital, outros tantos marcos da sua benemerência dadivosa. (Jorge, 1930)

Sendo o Brasil o destino mais significativo da emigração portuguesa, abundam as referências aos *brasileiros* bem como aos vestígios culturais por via deles importados para Portugal. A designação de *brasileiro* apresenta um significado diferente e desconhecido para o resto do mundo. No contexto historiográfico português, este vocábulo suscita a imagem de um indivíduo cujas características principais e quase exclusivas são viver com maior ou menor largueza e, não ter nascido no Brasil. A designação de “*brasileiro de torna-viagem*” é um termo utilizado na historiografia portuguesa para designar o emigrante português que partiu para o Brasil por um longo período de tempo e, que regressou endinheirado a Portugal. Desde o momento em que se cristaliza a intenção de partir, o emigrante é, na generalidade, acompanhado, no seu itinerário geográfico e temporal, pelo

desejo de regressar um dia ao seu país de origem. No entanto, o emigrante não estará em posição de determinar o tempo que mediará entre os dois pontos que constituem o princípio e o fim do seu itinerário migratório, iniciado com o ato da primeira saída; deixará em aberto a altura do regresso, sempre imaginado como certo, mas sem data precisa de concretização...

No entanto, à volta deste homem que partiu para o Brasil, foi criado um estereótipo originado a partir dos meios de comunicação como os jornais e da literatura com os retratos elaborados pelos romancistas da época (veja-se o caso de Camilo Castelo Branco que cria a personagem – Hermenegildo Fialho Barrosas, na obra “*Os Brilhantes do Brasileiro*” ou do Manuel da Bouça, emigrante natural da região de Ponte de Lima, retratado na obra “*Emigrantes*” do escritor Ferreira de Castro).

Este conceito enquadra, apenas, o emigrante abastado que regressa do Brasil. Esta riqueza é retratada através de um duplo comportamento: distinção e prestígio pessoal. Assim, seriam socialmente aparentes os *brasileiros* a quem a sorte sorrisse, sendo “invisíveis” todos os outros.

Esta atitude de retorno fez-se notar na vida pública, preocupando-se com o bem comum, ocupando cargos de natureza política e filantrópica e, quando promoveu a construção de teatros e manifestou atenção pela cultura e pela arte. Enquanto frequentadores de casinos, praias, termas e cafés, os *brasileiros* refletem nestes o ócio e a expressão de *capitalista*, pela qual passam a ser designados, representando, assim, o estatuto social mais elevado.

É destes homens ricos e, na sua maioria poderosos que provêm muitos dos reflexos culturais da emigração portuguesa para o Brasil. Regressados a Portugal, ou simplesmente aí de visita às suas terras ou aos seus familiares, que pobres os tinham visto partir, desejaram afirmar-se, salientar-se, distinguir-se; construíram e esbanjaram à custa de uma generosidade talvez nem sempre desinteressada, espalharam o seu nome e a sua imagem em pequenos povoados e em grandes terras do seu país de origem; conquistaram distinções, benesses e influências. Em nome dessa memória, por generosidade, por necessidade de afirmação na terra de origem ou por ostentação, distribuí benesses, cria/apoia instituições em favor das crianças, dos pobres ou dos doentes. O *brasileiro* afirma-se como personagem influente no círculo local, provavelmente regional, talvez até ao nível nacional; fazendo chegar a sua influência ao círculo da política. Os jornais e as gazetas referem-no a propósito do palacete que construiu ou da obra que desenvolveu.

Os emigrantes portugueses faziam viagens frequentes à terra de origem, ou a ela regressavam em definitivo, tornando-se visível e fortemente notada, a sua chegada, através de iniciativas de carácter agrícola, comercial e industrial. Procuraram investir em vários setores, desde o comércio e indústria aos transportes e mesmo à própria imprensa. Estas iniciativas industriais tornaram-se significativas num país de poucos recursos e débil fomento económico. Por exemplo, o Barão do Calvário (concelho de Penafiel), após o seu regresso a Portugal, criou uma importante fábrica de lanifícios na localidade de Padronelo, concelho de Amarante. Outros emigrantes destacaram-se no desenvolvimento do comércio (Adriano Telles – *A Brasileira*) ou na promoção de “casas de passagens” entre Portugal e o Brasil (Bernardo Luís – Agência Abreu). No caso da imprensa local

e nacional, é de notar que alguns dos mais importantes periódicos do século XX português foram fundados por iniciativa destes emigrantes, como é o caso de *O Primeiro de Janeiro*, fundado por Gaspar Ferreira Baltar, um *brasileiro* enriquecido na cidade do Rio de Janeiro.

Devido à sua intensa atividade económica e industrial, muitas localidades transformaram-se em sedes de concelhos, urbanizando-se com bons edifícios habitacionais, escolas, hospitais e, inclusive, a abertura de ruas ou a construção de santuários (exemplo Santuário de Nossa Senhora Piedade e dos Santos Passos na cidade de Penafiel). Se nos meios urbanos, como é o caso da cidade do Porto, o auxílio dos *brasileiros* se perpetuou na Santa Casa da Misericórdia, ou na ajuda às Irmandades/Confrarias e Hospitais, nos meios rurais, esta ajuda é mais dispersa, desde a organização de subscrições, a pequenos melhoramentos na Igreja ou na construção da escola da terra.

Outro lugar de aprendizagem foi a frequência das lojas maçónicas, onde desenvolveram um acentuado interesse pelos ideais republicanos que privilegiavam, sobretudo, a educação e o bem público (*res publica*). Note-se o exemplo da escola de Louredo, cujo *brasileiro* ordenou a inscrição na fachada principal da seguinte citação de Danton – *Depois do pão, a educação a primeira necessidade do povo*. Esta influência republicana é visível no grande número de escolas mandadas construir pelas várias localidades portuguesas, destacando-se, sobretudo, as 120 casas-escolas mandadas erigir por Joaquim Ferreira dos Santos, mais conhecido por Conde de Ferreira. Estas escolas foram erguidas nas terras que eram sedes de concelho e, após a sua conclusão foram entregues às comunidades por disposição testamentária.



Figura 1 – Escola de Louredo – Paredes (fotografia da inauguração publicada no Jornal de Notícias em 1918)

[...] Mas o emigrante do Brasil, homem de ação e menos de palavras, passou aos atos e contribuiu generosamente para a implementação das escolas e/ou sua sustentação. (Jorge, 1930)

Este contributo para com a instrução prolongou-se no tempo, desde a segunda de oitocentos até à década de 1960. As escolas dos “brasileiros” foram construídas maioritariamente na região nortenha do nosso país e, sobretudo, nas áreas onde o retorno foi de sucesso. Muitos dos emigrantes doavam edifícios ou auxiliavam na criação de cursos de alfabetização com o objetivo de obtenção de uma comenda ou mesmo de um título nobiliárquico. Algumas destas escolas eram equipadas com o material que evocava o Brasil, como eram o caso dos grandes painéis de botânica e de zoologia deste país. Por vezes, instituíaam donativos anuais para a compra de livros e material escolar ou mesmo bolsas para os melhores alunos de cada ano.

A filantropia praticada durante a vida destes emigrantes não pode ser menosprezada, uma vez que estes procuraram associar-se através de subscrições organizadas junto dos seus conterrâneos que permaneciam no Brasil, procurando auxiliar as suas comunidades de origem. Estas subscrições eram organizadas espontaneamente, como foi o caso do Barão Zeferino Lourenço Martins que, em 1909, organizou na cidade de Santos (Estado de São Paulo), uma subscrição para auxiliar as vítimas do terramoto que tinha ocorrido no Ribatejo a 23 de abril desse mesmo ano. Outras subscrições destinavam-se à construção do Hospital da Misericórdia de Paredes ou do Santuário de Nossa Senhora da Piedade e dos Santos Passos, em Penafiel.



Figura 2 – Santuário de Nossa Senhora da Piedade e dos Santos Passos – Penafiel (fotografia da autora)

No entanto, a imagem da terra distante não desaparecia: afirmavam com orgulho o nome de Portugal e das suas terras nos títulos das associações de cultura e de benemerência. Socorriam com donativos nas desgraças, e acediam aos pedidos de ajuda na promoção de melhoramentos das terras de origem. Naturalmente, havia muitos outros que nunca perdiam a ideia de regresso, e acabavam por a concretizar. Nas décadas da viragem do século os regressos terão representado cerca de metade das partidas [...]. (Leite, 2000)

As Casas de Brasileiros

Quando um caminhar paciente nos faz percorrer as aldeias e vilas do norte de Portugal, é frequente deparar-se-nos uma construção singular pelo porte, pelo destaque, pelo ornato ou pela cor: [...] se lançarmos a vista sobre as cidades, vilas e aldeias, ali encontrámos palácios sumptuosos, casas elegantes, casais cómodos, tudo edificado com o dinheiro que os emigrados de ontem trouxeram da emigração. [...] (Primeiro Inquérito Parlamentar, 1873).



Figura 3 – Mapa com a referência a algumas das casas de Brasileiros construídas no Norte de Portugal

Assim, a região Norte de Portugal encheu-se de *casas de brasileiros* tornando-se um dos principais vestígios materiais da emigração para o Brasil e do regresso destes portugueses. Estas habitações foram catalogadas como objetos bizarros e perturbadores da ordem e da simplicidade da paisagem nortenha, de acordo com a literatura de oitocentos. Assim, quando percorremos as terras do Norte do país, sobretudo das províncias do Minho, do Douro Litoral e da Beira Litoral, encontramos uma paisagem “manchada” de casas que muitos consideram diferentes, mas mais não são do que o testemunho de vida de um emigrante que lhes deu vida.



Figura 4 – Villa Maria Beatriz – Póvoa de Lanhoso
(fotografia da autora)

Mas, afinal o que é uma *casa de brasileiro*?

Entende-se por *casa de brasileiro* toda a construção que foi edificada de raiz ou adquirida e transformada para residência destes portugueses. Assim, o número de construções está diretamente associado ao retorno, com mais ou menos sucesso, dos portugueses que emigraram. Características como os azulejos de diferentes cores, as estátuas que rematam os telhados ou os portões, o colorido das fachadas ou os telhados demasiadamente inclinados podem ser consideradas como redutoras de um tipo de emigração, uma vez que o *brasileiro* ao regressar nem sempre pinta a sua casa de cores garridas ou coloca azulejos nas fachadas, por vezes, limita-se a recuperar a casa de lavoura dos seus pais, criando-lhe condições de conforto no interior, mantendo a fachada.



Figura 5 – Painel de azulejos com os brasões de Portugal e do Brasil numa casa em Baltar (fotografia da autora)

As casas construídas constituem, na maior parte dos casos, uma mescla de características de Portugal e do Brasil. Assim, a *casa do brasileiro* tornou-se uma construção social, isto é, representa o modo como cada indivíduo se insere no local que o viu partir. O exterior e o interior destas habitações retratam um constante apego ao Brasil e a Portugal, visível nas bandeiras de ambos os países que surgem cruzadas nas fachadas ou nas pinturas murais que ora retratam o Rio de Janeiro ora a Torre de Belém ou a Barra do Douro.

Assim, a casa deverá ser entendida como a expressão da vitória e da riqueza de uma vida de trabalho, mas ao mesmo tempo constitui a busca de uma identidade social e, simultaneamente, psicológica, cujos contornos se confundem entre a admiração dos naturais da sua aldeia e a aprovação, o poder económico e a aceitação dos novos modelos que traz consigo.

Estas casas constituem uma tentativa de evidência/vivência no ambiente burguês predominante nas cidades portuguesas. Miguel Monteiro ou Paula Peixoto referiram casos inseridos num contexto urbano, pois este constitui o espaço de predominância da burguesia e, como tal os “brasileiros” podiam fazer os seus investimentos e continuar as suas atividades comerciais, bem como manter o ambiente de convívio social a que estavam habituados em cidades como o Rio de Janeiro ou São Paulo. Desta forma, estas construções demonstram uma nova vivência económica realizada por estes emigrantes e, também, uma busca pela socialização. No entanto, existe um grande número de *casas de brasileiros* erigido em meio rural, que se destacam na paisagem agrícola e que servem em simultâneo para introduzir novos ambientes sociais. Mas, esta casa construída pelo camponês que enriqueceu demonstra um apego à terra e que se traduz na procura em construir o seu palacete na aldeia de origem e, sobretudo, fazer dele a “sala de visitas” dessa freguesia.

A *casa de brasileiro* constitui um dos investimentos que este faz na sua terra natal alterando por completo quer a paisagem, quer o quotidiano de todos aqueles que ali habitam. Edifícios como a Castrália (Louredo – Paredes), a *Villa Beatriz* (Póvoa do Lanhoso) ou a *Villa Idalina* (Seixas – Caminha) constituem exemplos de edifícios onde algumas das características referidas surgem representadas, evidenciando-se na paisagem pela sua imponência arquitetónica ou mesmo pela aplicação de certas características. No entanto, casas como a *Villa Martins* (Cete – Paredes), a Quinta de São Paio da Portela (Penafiel) ou o Palacete Silva Mon-

teiro (Porto) destacam-se pela sua sobriedade em termos de exterior ou mesmo na decoração interior. Estas casas são exemplos de uma não-aplicação das características ditas das *casas de brasileiros*.



Figura 6 -Castrália e Palacetes dos Silvas Moreiras – Paredes
(fotografias da autora)



Figura 7 – Villa Maria e Palacete de Adolfo Bentes – Paços de Ferreira
(fotografias da autora)



Figura 8 – Villa Martins e Quinta da Curveira
(fotografias da autora)

Estas casas construídas por emigrantes apresentam elementos específicos que as destacam dos palacetes burgueses oitocentistas que são construídos nas principais cidades portuguesas como o Porto e Lisboa. Assumem-se como diferentes quer no exterior quer no interior, mercê das novidades aí introduzidas tal como os gostos pessoais do próprio emigrante. Estas características/novidades não podem ser encontradas na sua totalidade, atendendo às circunstâncias em que estas são construídas, ao espaço/território onde são erigidas, ao percurso do emigrante desde a sua partida até ao seu regresso e, mesmo, aos próprios gostos culturais deste.

O interior é ocupado por um mobiliário rico, pela decoração das paredes inspirada nos postais ilustrados trazidos do Brasil, por porcelanas inglesas compradas através dos catálogos existentes na época. Os estuques são um outro elemento utilizado na decoração do interior destes edifícios. Estes são utilizados na decoração dos tetos e das paredes das principais divisões da casa, nomeadamente as salas de jantar e de estar. Os principais temas representados são animais e objetos característicos ou mesmo simbólicos ou motivos florais e geométricos.

Por outro lado, as *casas de brasileiros* situam-se próximo das principais avenidas das localidades ou então junto de estradas que realizam a ligação à sede de concelho ou a outras freguesias. Por exemplo, os Palacetes dos Pereiras encontram-se defronte da antiga estrada real que ligava a cidade do Porto à cidade de Vila Real. As avenidas defronte das quais se situam as casas receberam, posteriormente, o nome dos *brasileiros*, como forma de reconhecimento.

Atendendo que estas casas construídas partiam de gostos e de viagens realizadas pelos *brasileiros* a Paris ou a Londres era natural que refletissem a sua própria vivência e vontade. Nas casas inventariadas nos concelhos de Paredes e de Penafiel, não encontramos qualquer projeto construtivo, facto que nos leva a concluir que estas habitações são uma mescla da arquitetura popular portuguesa, das influências dos vários movimentos artísticos dos finais do século XIX e da arquitetura brasileira com a qual os *brasileiros* contactaram durante a sua estada, nas cidades do Rio de Janeiro ou de São Paulo.

Assim, cada casa é um caso. Estes edifícios refletem, por vezes, a assimilação da paisagem arquitetónica brasileira e europeia, mas também espelham o percurso do seu encomendador. Desta forma, não é possível definir um modelo da *casa de brasileiro*, devido às especificidades regionais em que estas se inserem, à variedade de materiais e aos percursos pessoais e profissionais dos *brasileiros*. Como se pode verificar pelo exposto, torna-se difícil encontrar uma definição de *casa de brasileiro* ajustável a todos os edifícios, por isso consideramos que as *casas de brasileiros* são uma das partes de um conceito mais vasto – a arquitetura de emigração. Este conceito abarca as casas construídas/reconstruídas pelos emigrantes portugueses nas suas terras de origem, retratando o sonho de alguém que consegue angariar um pecúlio financeiro e procura representar o sucesso obtido através da casa. No entanto, estas casas são compostas por elementos distintos, mercê do percurso, das influências e mesmo do próprio gosto de cada emigrante.

Construção de itinerários no Norte de Portugal e Valorização Patrimonial

Da memória das pessoas locais vêm conhecimentos ou recordações sobre as famílias que aí habitaram, ou habitam, ainda que episodicamente; a origem dos capitais que permitiram essas construções, os materiais preciosos que foram utilizados nos interiores e sobre a riqueza de desaparecidos recheios.

Algumas, habitadas e em bom estado, contrastam com as janelas fechadas, o mato no jardim e os telhados esventrados de muitas outras, indicando a incapacidade económica dos proprietários para recuperar e manter os edifícios de dimensões consideráveis com localização distante dos grandes centros urbanos. No entanto, consideramos que devido ao avançado estado de ruína de inúmeros exemplares caberá às entidades locais juntamente com a população uma seleção daquilo que deverá ser recuperado. Isto é, será necessário escolher para preservar sob pena de se perder de forma permanente um património extremamente vasto e rico do ponto de vista histórico-artístico.

As casas construídas pelos emigrantes portugueses constituem importantes elementos potenciadores do desenvolvimento turístico dos meios rurais, na medida em que a maior parte das construções localizam-se nas aldeias do norte de Portugal. A recuperação destas casas poderá conduzir à criação de lugares da memória, da recordação e da reminiscência do passado, na medida em que o indivíduo que permanece na aldeia natal rejeitou a emigração e o regresso dos seus conterrâneos. Assim, podemos encarar a conservação e recuperação destas casas como uma necessidade de recuperar a memória dos que foram esquecidos.

Atualmente, as *casas de brasileiros* têm sido alvo de interesse, uma vez que a memória dos seus proprietários desapareceu, os critérios estéticos alteraram-se e a perceção da casa transformou-se. De incompreendidas e criticadas, as casas foram esquecidas e abandonadas à sua sorte, facto que conduziu ao desaparecimento de algumas delas. Todavia, nas duas últimas décadas, algumas destas casas têm vindo a ser recuperadas sobretudo pelos organismos oficiais e utilizadas como espaços culturais ou espaços habitacionais.

De forma a salvaguardar este tipo de património e a evitar a perda de um espólio sobre a emigração e a sua contextualização, considera-se que estas casas, existentes em grande número na região norte de Portugal, poderão ser constituídas num conjunto de rotas turísticas que nos levarão ao encontro da História e, sobretudo, nos conduzirão ao conhecimento das localidades de onde partiram milhares de homens e mulheres em busca de um futuro e levando consigo a saúde de um país e trazendo a saudade de outro...

Através do património, o indivíduo recupera uma parte do passado. O património representa, atualmente, uma necessidade real, física para a sociedade. Nomeadamente, nas áreas rurais, o património poderá constituir uma forma de desenvolvimento sustentável, bem como poderá responder às necessidades do presente, isto é, integrar ativamente a comunidade local na construção do futuro e na recordação do passado. A comunidade local comprometer-se-á conseguindo assegurar a preservação da identidade cultural de um povo, bem como a sua continuidade.

No entanto, importa colocar as seguintes questões:

- Pode o património cultural, nomeadamente estas casas, ser entendido como um instrumento de sustentabilidade das regiões onde se implantaram?
- Quais os aspetos/ características destas casas que podem criar sustentabilidade nestas regiões?

Como refere Maria Beatriz Rocha-Trindade, “[...] sendo as migrações internacionais um fenómeno que intrinsecamente atravessa os espaços e se reproduz no tempo, importa musealizar as migrações” (Trindade, 2002). Assim, o passado é uma realidade que se afigura distante pelo que o património, neste caso o edificado, constitui uma necessidade da sociedade atual. A exploração turística dos recursos patrimoniais permite dispersar o turismo para as regiões do interior com uma distribuição mais equitativa dos seus benefícios, funcionando como fator de criação de emprego e de revitalização das economias locais. Estes aspetos constituem benefícios evidentes, na medida em que contribuem direta ou indiretamente para a preservação do património bem como será atribuída uma nova utilidade/função ao património.

Para além das rotas turísticas que poderão ser criadas atendendo a diferentes temáticas, mas tendo sempre como principais objetos de trabalho: o emigrante e o património construído na sua terra natal ou nas localidades limítrofes. Poder-se-ão criar programas de educação eficazes que conduzam ao estudo do património *in loco* ou nas escolas, uma espécie de “À procura da Minha Herança”. Os alunos serão convidados através de diferentes materiais a visitar o passado familiar buscando antepassados que outrora emigraram para o Brasil e, que posteriormente regressaram trazendo consigo objetos ou mesmo memórias imateriais que importa preservar.

Quanto às rotas turísticas, estas poderão abranger diferentes tipologias de edifícios construídos ou restaurados pelos emigrantes, ou mesmo espaços por onde estes passaram, tornando-se uma forma destes serem lembrados nos locais onde não existe qualquer elemento material. A construção de rotas turísticas alicerçadas nas casas construídas por estes emigrantes poderá constituir um importante passo para proceder à *musealização das migrações*¹, isto é, poder-se-á proceder à recuperação das raízes culturais das populações migrantes, evitando assim o apagar da memória das dificuldades sentidas pelos antepassados seja no momento da partida seja no momento do regresso. Assim, importa preservar a memória, através da elaboração de rotas e/ou inventários completos dos vários elementos materiais, desde as casas às igrejas, passando pelas escolas ou pelos hospitais ou mesmo outro tipo de construções.

O processo emigratório inicia-se com o modo como é tomada a decisão de partir; continua-se com a concretização material dessa decisão, a forma de percorrer a distância entre os pontos de partida e de chegada, o processo de instalação e de radicação no país de destino; e, eventualmente, conclui-se com as formas de regresso à terra de origem. É neste processo de regresso que encontramos uma maior saudade retratada quer da terra de origem quer da terra de acolhimento, uma vez que o rapaz pobre, retorna endinheirado e, procura auxiliar a sua comu-

¹ Expressão utilizada por Maria Beatriz Rocha-Trindade.

nidade. Ao procurar auxiliar a sua comunidade, produz manifestações materiais e imateriais que, inevitavelmente, acabam por influenciar a vida da comunidade, conduzindo a transformações que se perpetuaram no tempo, nomeadamente a escola mandada construir e oferecida por Adriano Moreira de Castro à freguesia de Louredo (Paredes). Este tipo de legado poderá ser agrupado de acordo com a tipologia das construções (ex. Rota das *Casas dos Brasileiros* ou a Rota das Escolas dos *Brasileiros*) ou mesmo de acordo com o percurso de um determinado emigrante (ex. Rota de Adriano Moreira de Castro ou a Rota de Gaspar Ferreira Baltar). Ambas as tipologias poderão ser bastante dispersas em termos geográficos, atendendo à área de influência do emigrante ou mesmo à localização das diferentes tipologias de edifícios.

Ao longo da visita a estas rotas, o visitante será convidado a partilhar experiências/histórias sobre os seus antepassados que também terão emigrado. Se o visitante ser em simultâneo um emigrante poderá partilhar as suas vivências quer no país de origem quer de acolhimento. Caso esta proposta se concretize num museu físico, os visitantes poderão ser solicitados a partirem à descoberta da sua herança, isto é, partilhando objetos, histórias e memórias, elementos que permanecerão em exposição permanente. Este tipo de experiências poderá contribuir para o estimular da existência dos lugares da memória, onde o património é mantido e preservado.

No decorrer destas visitas aos espaços, os visitantes poderão ainda ser confrontados com a presença de alguns moradores da localidade que contarão histórias, momentos da vida deste emigrante.

Apesar deste tipo de arquitetura ter sido criticada, desvalorizada pela literatura, pelas comunidades onde se encontra inserida e até mesmo pela história da arte, este tipo de intervenção poderá funcionar como uma forma de conhecimento e valorização das mesmas. Na maior parte dos casos, esta crítica e desvalorização parte de um completo desconhecimento face ao edifício e à personalidade que a mandou construir. Considera-se que os primeiros participantes nestas rotas deveriam ser os moradores, uma vez que caber-lhes-á uma parte ativa neste processo, recebendo os visitantes junto das casas ou nos locais aos quais o emigrante está associado, demonstrando assim uma total disponibilidade em partilhar experiências que não estarão de todo relacionadas com o emigrante mas com a vivência da própria comunidade e com a forma como percebem este tipo de construções.

Atendendo a esta diversidade construtiva, apresentaremos uma proposta de uma rota turística, que tem como principal mote, o “Contar da História” de um *brasileiro* de sucesso, como foi o caso de Adriano Moreira de Castro quer na sua terra de origem quer na cidade de Belém do Pará.

A criação de rotas e/ou itinerários conduzirá à valorização de lugares que os próprios habitantes/moradores percebiam como insignificantes. Assim, esta visita contemplará a casa e a escola mandadas construir por este, bem como a Câmara Municipal e a Igreja Matriz. Esta rota poderia ainda ser complementada com a visita ao interior da casa, que mantém ainda algumas divisões decoradas à época ou mesmo com a leitura de textos da autoria do emigrante. A própria escola, localizada nas proximidades da casa, poderá incluir esta rota. No entanto,

este edifício sofreu obras profundas remodelação nos finais do século XX. Atendendo à existência de um vasto arquivo particular relacionado com o emigrante, poder-se-ia rememorar o dia da inauguração da escola. Posteriormente, os visitantes seriam encaminhados para a casa mandada construir pelo emigrante. Neste edifício, sempre que possível, os visitantes contactariam com um vasto conjunto simbólico alusivo ao Brasil e, nomeadamente à cidade de Belém do Pará. Ao longo das divisões da casa, este será confrontado com pinturas murais que procuram recriar monumentos de Belém do Pará, como o Jardim das Sereias ou a principal avenida da cidade – Avenida Campos Henriques. Por fim, o visitante poderá, ainda, usufruir da ida até ao Monte de Sant’iago, donde poderá vislumbrar uma vista sobre a localidade e a inserção da casa na paisagem. Ao longo da visita à casa e, sempre que possível, este será confrontado com o “contar de histórias” quer associadas ao emigrante, ou com outras escritas pelo próprio.



Figura 9 – Sala de Jantar da Castrália (fotografia da autora)



Figura 10 – Pintura mural da Sala de Jantar da Castrália (fotografias da autora)

Por outro lado, poder-se-á contemplar um outro tipo de rota que contemplará as casas construídas pelos *brasileiros* no concelho de Paredes. Assim, o visitante visitará as casas e, em simultâneo, poderá conhecer as localidades em que estas se encontram inseridas. Algumas destas casas encontram-se bastante degradadas, pelo que a visita será um mero apontamento, procurando-se sempre realçar a necessidade de preservação e valorização deste tipo de património.



Figura 11 – Casa das Maiatas/ Solar de Corregais (arquivo particular)

Uma nota final

Ao implementar estas rotas poder-se-á fazer com que a fortuna cultural se torne um importante fator de desenvolvimento e valorização das regiões onde se encontrarem inseridas e, conseqüentemente, as *casas dos brasileiros* poderão começar a ser encaradas não como elementos dissonantes na paisagem, mas como elementos integradores e valorizadores da mesma.

Estas rotas poderão funcionar como campanhas de valorização do património emigracional. Gentes (emigrantes), saberes (histórias, património imaterial) e lugares (casa, escola, igreja) são valorizados e dados a conhecer, estimulando o seu desenvolvimento social e económico. Este projeto poderá contribuir para a criação de exposições temporárias, divulgação da história e património da região através do fenómeno emigratório, necessitando, no entanto, da colaboração das diversas entidades locais e das pessoas que partilham o mesmo território. Con-

sidera-se que, desta forma, estas rotas dever-se-ão fazer sobre as pessoas, para as pessoas e com as pessoas que vivem e partilham as suas vidas com este património.

Referências bibliográficas

- Acaso, M.; De Pascual, A. (2014). Museos y participación biográfica: introduciendo lo personal como alternativa a lo hegemónico, *Midas* [online]. 3|2014. posto online no dia 21 de maio de 2014, consultado no dia 27 de maio de 2014.
- Alves, J. F. (2004). O brasileiro oitocentista – representações de um tipo social. In BMD Vieira (Org.), *Grupos Sociais e Estratificação Social em Portugal no século XIX* (pp. 193-199). Lisboa: ISCTE.
- Alves, J. F. (1994). *Os Brasileiros. Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*. Porto: Edição de autor.
- Arroteia, J. C. (1985). *Atlas da Emigração Portuguesa*. Porto: Secretaria de Estado da Emigração – Centro de Estudos.
- Baganha, M. I. B. (2001). Historiografia da emigração portuguesa para o Brasil: algumas notas sobre o seu passado, o seu presente e o seu futuro. In J. J. Arruda & Fonseca, L.A. (Org.), *Brasil – Portugal: História, Agenda Para o Milénio*. Bauru: EDUSC.
- Castelo Branco, C. (1999). *Novelas do Minho*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Castelo Branco, C. (1999). *Eusébio Macário*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Coelho, J. F. (2002). *Penafiel – Há Cem Anos*. 2 volumes. Penafiel: Livrofiel.
- Fernandes, A.; Paiva, O. (2009). Emigração dos minhotos para o Brasil (1850-1910). Os bem-sucedidos e os outros. In Fernando de Sousa, et al. (Coord.), *Nas Duas Margens Os Portugueses no Brasil* (pp. 411-423). Porto: Edições Afrontamento,
- Jorge, R. (1930). *Brasil! Brasil!* (pp. 23-249). Lisboa: Empresa Literária Fluminense.
- Lanau, D. & Morales, E. (2014). Un quehacer cotidiano: proyecto de mediación de la exposición hacer en lo cotidiano. *Midas* [online], 3|2014, posto online no dia 21 de maio de 2014, consultado no dia 27 de maio de 2014.
- Lourenço, E. (1999). *Portugal Como Destino Seguido de Mitologia da Saudade*. Lisboa: Gradiva.
- Mata, M. (2014). Do museu das comunicações ao Bairro da Madragoa: considerações sobre a relação entre um bairro e um museu. *Midas* [online], 3|2014, posto online no dia 13 de maio de 2014, consultado no dia 27 de maio de 2014.
- Mendes, J.J. (2002). *Santuário de Nossa Senhora da Piedade e Santos Passos de Penafiel*. Penafiel: Edição da Confraria de Nossa Senhora da Piedade e dos Santos Passos de Penafiel.
- Monteiro, M. (1991). *Fafe dos Brasileiros (1860-1930) – Perspectiva Histórica e Patrimonial*. Fafe: Edição de autor.
- Neto, A. (2011). *As Casas de Brasileiros no concelho de Paredes* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Pereira, M. H. (2002). *A Política Portuguesa de Emigração (1850-1930)*. São Paulo: EDUSC.
- Pedreirinho, J. M. (1986). Arquivos de arquitectura: as casas dos emigrantes – Brasileiros. *Revista História*, 98, 96-100.
- Peixoto, P. (2009). *Casas de ‘Brasileiro’ no Norte de Portugal: do Porto à ruralidade (1850-1930)*. 2 vols. (Dissertação de Doutoramento). Universidade de Santiago de Compostela.
- Rocha-Trindade, M. B. (2002). Musealizar as migrações. *Revista História XXIV(III)*, 58-63.
- Rocha-Trindade, M. B. & Caeiro, D. (2000). *Portugal-Brasil: Migrações e Migrantes (1850-1930)* (pp. 11-15). Lisboa: Edições Inapa.
- Rocha-Trindade, M. B. (1986). Reflexos culturais da emigração portuguesa para o Brasil. *Análise Social XXII* (90), 139-156.
- Rosário, D. R. (2014). Entroncamento de histórias: registo de testemunhos orais, *Midas* [online], 3|2014. posto online no dia 13 de maio de 2014, consultado no dia 27 de maio de 2014.
- Santos, E. (2000) (Dir.). *Os Brasileiros de Torna-Viagem no Noroeste de Portugal*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.
- Tavares, C. G. T. & Leite, R. (2014). O projeto Picar o Ponto: memórias orais de operários da Fábrica Robinson. *Midas* [online], 3|2014. posto online no dia 13 de maio de 2014, consultado no dia 27 de maio de 2014.

Resumo

A Emigração portuguesa nos séculos XIX e XX constituiu um fenómeno histórico e sociológico cuja importância se acentuou quer no Brasil (percurso profissional dos portugueses) quer em Portugal (regresso). Após um árduo percurso, os portugueses regressaram e intervieram na vida política, económica, social e artística das suas localidades. Neste contexto, os *brasileiros de torna-viagem* construíram casas, igrejas e outros equipamentos. A construção destes edifícios nos meios rurais e urbanos conduziram à criação de itinerários de sucesso e de afirmação social, que foram, simultaneamente, assimilados por outros grupos que se encontravam numa situação de idêntica ascensão social.

Destaca-se a *Casa do Brasileiro*, enquanto principal elemento representativo do modo como cada indivíduo se insere no meio local e, também, todas as outras edificações (escolas, hospitais, igrejas) que permitiram ao emigrante afirmar a sua benemerência.

A casa do *brasileiro* tornou-se uma construção social, isto é, representa o modo como cada indivíduo se insere no meio local que o viu partir. A casa constitui uma expressão paradigmática da melhoria das condições de vida daquele que partiu e que, posteriormente, regressou rodeado de sucesso. Além de intensificarem tensões entre emigrantes e residentes, as casas transformaram a paisagem rural do norte de Portugal.

Como se pode verificar, este tipo de casas constitui um importante exemplar da emigração e, que necessita de uma rápida valorização patrimonial e turística, na medida em que constitui o objeto material e cultural da memória coletiva de um povo. Considera-se que estas casas, existentes em grande número, poderão fazer parte de um conjunto de rotas turísticas que nos levarão ao encontro da história e, sobretudo, conhecer *in loco* as localidades de onde partiram milhares de homens em busca de um futuro e levando consigo a saudade de um país...

Abstract

Portuguese emigration in the 19th and 20th centuries was a historical and sociological phenomenon whose importance was stronger both in Brazil (professional route of the Portuguese) and in Portugal (their return). After a hard journey, the Portuguese returned and intervened in the political, economic, social and artistic life of their hometowns. In this context, the *brasileiros de torna-viagem* built houses, churches and other facilities. The construction of these buildings in rural and urban areas led to the creation of itineraries of success and social self-assertion, simultaneously assimilated by other groups which were in similar situation regarding social ascension. The *Casa do Brasileiro* stands out as the most representative element of the way in which each individual found his place in his social surroundings, and also all the other buildings (schools, hospitals, churches), which constituted a way for the emigrant to claim his goodwill.

The *Casa do Brasileiro* became a social construction, that is, it represents the way in which each individual finds his place in the place that saw him leave. The house constitutes a paradigmatic expression of the lifestyle improvement of the one who has left, and later returned, surrounded by success. Beyond intensifying tensions between the emigrants and the local residents, these houses have changed the landscape of Northern Portugal.

As one can see, this type of house is an important specimen of emigration, and it needs a fast patrimonial and touristic appreciation, since it is the material and cultural object of the collective memory of a people. These houses, which exist in large numbers, are thought to be eligible to be a part of a set of touristic routes which will lead us towards history and, most of all, to meet *in loco* the places from where thousands of men left, in search of a future and taking with them the homesickness of a country...